

A REFORMA AGRÁRIA

Os monárquicos, simulando um grande susto, atacam a proposta de lei do sr. Ezequiel de Campos como se se tratasse da execução dum programa socialista. Para eles trata-se duma lei estremista, o mais radical que se possa conceber.

Caso curioso: nós, elementos mais avançados, não demos por isso. Pelo contrário, entendemos que o critério a que obedece essa lei é estritamente burguês e muito fora da nossa época.

A Roménia, país monárquico, resolveu a questão agrária duma maneira bem mais radical. Na Itália, país monárquico, a cedência das terras aos antigos combatentes da guerra teve um espírito muito menos conservador.

Não: o ministro de agricultura não se deixou dominar pela ideologia revolucionária, conforme lho apontam. Lembrou-se, pelo contrário, que fazia parte dum governo de sua natureza burguesa e procede em harmonia com a sua situação.

Como se deixou ele arrastar pela ideologia revolucionária, se já antes da Revolução Francesa muitos dos homens que a impulsionaram pensaram em evitar o parcelamento do solo e o próprio Fourier com esse objectivo inventava o seu ingenho sistema social dos Falansterios?

Pois não trata o sr. Ezequiel de Campos precisamente do contrário? Nos retalhos da grande propriedade em vez de atribuir, como era lógico, natural e dentro dos princípios modernos que erradamente lhe supõem, a posse das terras aos sindicatos de trabalhadores rurais, como é por exemplo do programa do partido republicano federalista espanhol, que é afinal um simples partido republicano?

A verdade é esta: na proposta do ministro da Agricultura nem sequer se fala da possibilidade de os sindicatos operários tomarem conta da produção agrícola e o único trabalho colectivo que permite é por conta de sindicatos agrícolas ou sociedades que venham com esse fim a constituir-se e nunca por período superior a 50 anos, não tendo direito de propriedade, o que estava bem, mas sendo obrigado a ceder o terreno a pequenos proprietários, o que está muito mal.

Os monárquicos, pois, atacando a proposta por excessivamente radical ou não sabem o que dizem ou são mais reaccionários ainda do que a gente os supunha. Não. O ministro da agricultura apenas se preocupou com a questão de produção e o que ele fez podia tê-lo feito qualquer monárquico bem intencionado muito afastado de nós e com uma pronunciada aversão por tudo quanto cheirasse a socialismo, sindicalismo e comunismo.

A questão das dívidas inter-aliadas

A imprensa de quasi todos os países, que entraram na conflagração europeia, discute agora acaloradamente a questão das dívidas inter-aliadas.

A França deve à Inglaterra e aos Estados Unidos cerca de 100 milhões, que quer pagar em 90 anos, até 2015. A Bélgica, a Itália e outros países devem também às duas grandes potências anglo-saxónicas. A Inglaterra por sua vez deve aos Estados Unidos.

Até à data têm dito os devedores que pagarão quando a Alemanha o fizer, mas os credores, apesar dessa promessa, começam a impacientar-se.

Por outro lado, a Inglaterra pretende que a Bélgica e a França realizem fundos, com a ocupação do Ruhr, mas a França protesta contra tal afirmação.

Além disso, os Estados Unidos pedem a execução do plano Dawes. A Inglaterra, apoiada pela França e pela Bélgica protesta, respondendo que a América pode pagar-se com os bens alemães, que se encontram sequestrados no seu território. Esta por sua vez contesta a este incitamento, dizendo que é muito respeitadora da propriedade privada, para pôr em prática uma tal medida.

E no meio de tudo isto, a Alemanha, como é natural, procura desembolsar o menos possível.

O que é certo é que ninguém desembolsará jamais o capital destas dívidas enormes, cujos juros pesarão sobre as gerações dos trabalhadores.

Serão todos os povos, vencidos e vencedores, quem sofrerá e se privará, a fim de permitir aos bandidos de grande envergadura e aos grandes malfetores de materializarem as suas fortunas.

MAIS UMA VEZ ALARES, COBEIRA E CEGONHAS

O povo do Rosmaninhal intrujado pelos ricos em quem confia

Mais uma vez, leitores, vem o assunto dos montes dos Alares, Cegonhas e Cobeira à teta da discussão.

Pessoa que conhece de perto a questão, de passagem por Lisboa, encontrou-se casualmente conosco dando lugar a uma interessante conversa que não podemos deixar de citar publicamente.

Essa pessoa é insuspeita. Natural do Rosmaninhal, foi uma das que a comegou não conhecendo a razão que assistia aos povos dos montes, entrou com determinada quantia para a compra dos terrenos em litígio.

Da conversa que sustentámos, durante mais de uma hora, depreendemos-se que, no meio de tudo isto, o povo do Rosmaninhal tem sido ludibriado pelos indivíduos de maior destaque daquela vila.

Foram os grandes proprietários que, ambicionando possuir os vastos terrenos de Alares, Cobeiras e Cegonhas influíram o povo do Rosmaninhal a realizar a maldadada compra. Porém, esses proprietários apenas quiseram servir-se do nome do povo para fazer um negócio que a eles só interessava. Isto não viram os mais pobres daquela vila, motivo por que serviram de joguete incoincidente nas mãos dos ricos.

Quando alguém falou a um tal Manuel Badaxa — um dos espertos, um dos grandes — nos interesses do povo que era preciso respeitar, visto que a compra havia sido feita em nome da população, esse Badaxa teve esta frase sintomática:

— Ora, ora, o povo são dez pessoas desde que haja vinho e uma canastra de sardinhas.

Traduzida esta frase à letra, verifica-se que o critério desse cavalheiro era de que devia dar-se um osso a roer ao povo, enquanto dez pessoas — os dez ricos — queriam assinar, eles somente, a escritura de compra — comiam as propriedades.

Vários factos se têm passado no Rosmaninhal que dão bem a nota da má-fé de que os grandes proprietários usam para com os rosmaninheiros.

Um aventureiro que leva o povo a cometer desmandos

Como a questão se tivesse complicado e os habitantes dos montes muito legitimamente se recusassem a abandonar as terras onde toda a vida trabalharam, surgiu um aventureiro, José de Moura Pinheiro, rico, proprietário importante, que se propôs resolver tudo se lhe dessem 400 contos.

Este cavalheiro, que praticou em Espanha várias *escroqueries*, habilíssimo, não tinha em mira senão lucrar com uma questão que sabia muito bem não poderia resolver.

Confiando neste *meneur*, o povo obedeceu cegamente às suas ordens. Desde que ele arroum em chefe, começaram os desmandos.

Um dia, José de Moura Pinheiro ordenou ao povo que fosse aos montes lavar — e um grupo de exaltados lá foi lavar as terras que os povos já tinham semeado. Mais tarde, José de Moura, sempre cegamente obediendo, ordenou ao povo que fosse ceifar — e o povo, julgando que ceifava para si, foi aos montes, estragou muito e ceifou muito trigo — e José de Moura Pinheiro guardou o trigo...

E o povo, além de colher inconscientemente o trigo que não lhe pertencia, foi entregar ao aventureiro o fruto do roubo. José de Moura Pinheiro, alegando que tinha feito muitas despesas com a questão, aferrou em sua casa mais de 50 moios de trigo — e não o largou.

Depois abandonou a questão. Pudera, se ele sabia que a questão estava perdida e não tinha outra coisa em mira senão injuriar o povo como injuriou...

Um outro cavalheiro, dos grandes, um tal José Freixo, mais conhecido pelo José Angelo, também se apossou de 7 moios de trigo, alegando que era para se pagar das despesas que fez «com papel, tinta e outras coisas que não se podem saber»...

E o povo deixa-se emburrar por estes cavalheiros sem escrúpulos, praticando actos que só o prejudicam.

Se o povo do Rosmaninhal tivesse os olhos bem abertos em vez de guerrear os povos dos montes, lutaria contra os ricos da sua terra — e já teria muito que fazer.

E mais não nos disse a pessoa com quem conversámos.

Os vendedores do mercado da Graça

Esteve ontem na nossa redacção um numeroso grupo de vendedores e vendedoras do mercado da Graça, que era mercado livre e passou a mercado municipal, queixando-se-nos de que, tendo pago até agora apenas o imposto de terrado, os avisaram que de teriam de pagar imposto de transacção e taxas fixa e anual, o que consideram descabido.

Queixaram-se-nos também de, tendo ido uma comissão à Repartição de Finanças do 2.º bairro — São Vicente —, terem sido maltratados pelo cabo de polícia n.º 144 e por um funcionário da repartição, que os ameaçou de mandá-los correr do mercado por uma força de cavalaria da G. N. R. se não pagassem.

Ser-nos-hia muito grato defender os vendedores contra o lançamento de impostos, se nós tivéssemos a certeza de que isso de alguma forma beneficiaria o público, mas o que verificamos é que os vendedores do mercado da Graça, mesmo sem pagarem impostos, já roubam o consumidor o mais que podem, como fazem todos os outros.

Um Congresso do Livre Pensamento

Vai realizar-se em setembro e a ele deverão aderir todos os revolucionários sociais

Vai realizar-se em setembro do ano corrente um Congresso do Livre Pensamento, estando já uma comissão de sócios da Associação do Registo Civil trabalhando activamente para que essa reunião tenha o brilhantismo e a importância requeridos.

Há anos que se não realizam em Portugal congressos do Livre Pensamento, o que quer dizer que os livres pensadores estão cada vez mais inactivos e os reaccionários cada vez mais atrevidos. A necessidade da realização dum congresso desta natureza impõe-se.

Nos primeiros congressos do livre pensamento que se realizaram neste país, distinguiram-se bastante os anarquistas não só pela sua desassombrada atitude, como pela sua crítica inteligente e implacável a todos os dogmas. Neste congresso, que se anuncia para setembro, deviam todos os revolucionários sociais tomar parte, a fim de impulsionarem a campanha contra a reacção.

O papel mais importante desses congressos é a campanha contra o espírito e contra os maneios jesuíticos. O congresso a isso devia limitar a sua acção, visto ser esse um dos pontos em que se encontram de acordo todos os livres pensadores. Agora, organizar uma dessas magnas reuniões para ir propor saudações ao chefe de Estado, que estão bem cabidas em qualquer centro republicano, ou saudações ao militarismo e à pátria, que são próprias de agrupamentos patrióticos, é um erro. Um congresso do livre pensamento deve ser o defensor do pensamento livre e não procurar, portanto, coagir pelo número ou por outra qualquer circunstância, uma determinada opinião política. Se assim se fizer o congresso degenerará numa espécie de arena, lucrando com esse degladiar de opiniões opostas os reaccionários, que se encherão de contentamento pelo fracasso que inevitavelmente se dará.

TUT-ANKH-AMON

VÃO RECOMEÇAR AS PESQUISAS NO TUMULO

CAIRO, 16.—O sr. Carter dirigiu-se a Luxor para continuar os trabalhos no túmulo de Tut-Ankh-Amon. Agora vai ser aberto o sepulchro interno e a tampa do sarcófago devendo depois ser estudada cientificamente a múmia que ali está encerrada, para se saber a maneira exacta como um faraó era colocado no túmulo e a idade do rei que é disputada por muitas autoridades, sendo a opinião predominante de que era muito novo quando morreu. Há indícios de que se encontrará uma passagem subterrânea que conduziria para outro quarto ou quartos onde provavelmente estão novos tesouros e onde estará a múmia da esposa de Tut-Ankh-Amon.—(R.)

A OBRA FASCISTA

Depois de ter suprimido a liberdade de imprensa, Mussolini suprime o direito de reunião

O projecto de lei que Mussolini levou no dia 13 deste mês à Câmara fascista e que restringe quasi completamente os direitos de associação, provocou um grande alvoroço na península italiana.

Segundo o tal projecto, todas as sociedades, organizações, agrupamentos, etc., terão que mandar à polícia seus estatutos, orçamento, a lista dos seus aderentes e todas as informações que dizem respeito à sua actividade.

As penalidades são elevadíssimas e as multas poderão ir até 30.000 liras. Além disso serão tomadas disposições rigorosas contra os funcionários do Estado, que façam parte de certas associações.

Desta forma se o projecto for aprovado (o que naturalmente acontecerá, pois Mussolini dispõe duma grande maioria) a liberdade de reunião será abolida em Itália. Na verdade, ela só existe actualmente para as organizações governamentais, pois num grande número de cidades foram dissolvidas reuniões socialistas, republicanas, comunistas, católicas, democráticas, etc.

Em suma, depois de ter abolido a liberdade de imprensa, Mussolini quer suprimir o direito de associação.

E' fácil prever-se que, quando esta lei for adoptada, a tal comunicação à polícia das listas dos associados, e proibição de os funcionários se inscreverem nesta ou naquela sociedade, as dissoluções arbitrárias, etc., suprimirão todas as organizações que possam encorajar a resistência à ditadura.

Alguns jornais, como por exemplo a «Idéia Nazionale», órgão do ministério do Interior, afirmam que esta lei tem principalmente por fim atacar a maçonaria e a «Idéia Nazionale» escreve nestes próprios termos: «Os pedreiros-livres não têm o direito de ser cidadãos no Estado italiano».

Eis o estado actual da liberdade na Itália. Qual será o último acto da tragédia que se está representando?

Como acabará?

ELEIÇÕES NA RÚSSIA

Os comunistas perderam nas aldeias

RIGA, 16.—Podem considerar-se quasi terminadas as eleições na Rússia. Os votos alcançados até agora pelos comunistas dão 10.000 para os soviets das aldeias; 60.000 para os dos cantões; 72.000 para os dos distritos, e 68.000 para os das cidades.

Um grupo divisionista da classe dos caixeiros forma uma nova associação

Os socialistas e os reaccionários contra os anarco-sindicalistas

Acaba de se constituir um grupo «divisionista» no seio da classe dos empregados no comércio. Esse grupo scissionista, de duvidosos intuitos, anuncia aos quatro muros da cidade que foi organizada uma nova associação de classe dos empregados caixeiros. O seu pomposo título, segundo a comunicação espantosa dos defectistas que se agruparam em caldo aparte, é este: «Phoenix Português dos Empregados no Comércio».

A história deste criminoso desdobramento é muito simples. A orientação sindicalista e autonomista, cégetista, da União dos Empregados no Comércio do Porto, não agradava a determinados magnates políticos, conservadores e reformistas. Para que a União fosse arrancada das mãos dos afeiçoados aos modernos princípios do sindicalismo directo e anti-político, estabeleceu-se uma oposição, que trabalhou afinadamente para triunfar nas recentes eleições dos novos corpos administrativos.

A essa endemoinhada oposição juntaram-se os social-democratas, acólitos da Casa do Povo Português, inspirando toda a acção do grupo adversário do anarco-sindicalismo. Era preciso esconraçar tudo quanto cheirasse a sindicalista e anarquista. No «governo» da União dos Empregados no Comércio do Porto, deviam estar todas as tendências, ainda as mais ultra-reaccionárias, menos a anarco-sindicalista, a que tivesse afinidades muito estreitas com a central sindicalista portuguesa...

A guerra ao espírito da organização

Nunca se importaram com a situação da classe. Estiveram muito tempo arredios da respectiva associação. Mas obedecendo a um fim determinado de eleicoirismo político, de especulação de campanário misterioso, resolveram ultimamente ingressar na União, para que ela fosse despida da feição autonomista da moderna organização operária...

O grupo opositor, com os companheiros marxistas à frente, com o ex-deputado socialista a capitaneá-lo, tocou a rebate, a cercar fileiras; todas as forças contrárias ao apolitismo da União, todas as tendências inimigas reformistas e conservadoras se reuniram em falatório ousado. Houve conchabulos na rua de Camões. Içou-se a bandeira da confusão. Desdobrou-se um programa de *chies* promessas dormideiras, segundo as quais a União dos Empregados no Comércio ganharia para os tempos antigos, dando entrada triunfal no seu primitivo campo de divertimentos vários, com jôgo, *buffet* e *buvette* à mistura... Seria, a um tempo, uma associação de classe, de recreio, de socorros, de política e outras coisas mais...

A-pesar de todos os preparativos, reuniões, acordos e manifestos, onde se punha, de preferência, a nu o perigo anarco-sindicalista, o grupo opositor não conseguiu fazer triunfar a sua lista.

Devia dar-se por satisfeito até as próximas eleições; devia continuar a trabalhar pelo engrandecimento da sua associação, pelo bem estar da sua classe, embora ficasse com o direito de criticar os actos da nova administração.

O culto da desorientação

Pois sim... O despoio, o rancor era muito para que o bando pudesse ficar sossegado. Primeiro constituiu-se o grupo vigilante, para, a seguir, ir esbarrar em grupo divisionista, confusionalista, formando uma nova associação, para guerrear a velha, alimentar a discórdia, cultivar a sisãnia, fomentar a desorientação, beneficiar—beneficiar, sim!—a reacção dos patrões, que se aproveitava destas circunstâncias para protelar os legítimos direitos dos seus assalariados...

A «charanga»... scissionista foi cumprimentar o *Journal de Notícias* e este prometeu, muito cativante, auxiliar a nova colectividade derrotista, publicando-lhe, em lugar de destaque, as suas notas oficiosas...

E' só isto, nada mais.

«Mas a nova associação vingará? Não lhe acontecerá como a outra que há anos quiz ter existência? Talvez...

Este gesto estouvado tem sido vivamente censurado pelos militantes das outras classes operárias.

Como os divisionistas prometem, em manifesto, esclarecer quais os fins e a orientação da «crioula»—aguardemos a oportunidade para algo dizermos sobre o assunto, se merecer a pena.

Porto, 16 de Janeiro. C. V. S.

Governador que se "governava"

NEW-YORK, 16.—Foi preso uma hora antes de expirar o seu mandato o governador do estado de Kansas, Jonathan Davis, antigo membro da Ku-Klux-Klan. E' acusado de haver aceito mil dólares para pôr em liberdade um rico banqueiro condenado por fraude.

OS OPERÁRIOS JUDEUS

A obra da Federação do Trabalho da Palestina

A Federação Geral Judia do Trabalho da Palestina vai celebrar o quarto aniversário da sua fundação. O executivo da Federação lançou um apelo aos operários judeus, para que eles façam donativo, nesse dia, do seu salário à Comissão de ensino da Federação. Esta comissão acaba de publicar o seu relatório para o ano de 1924 (1923-24). Por ele se vê que a Comissão organizou nas cidades e nas colónias escolas da noite, clubes, bibliotecas, cursos científicos e técnicos para os filhos dos operários. A biblioteca central da Federação possui 40.000 livros. O número de pessoas, que frequentam as escolas de noite é de 2.381. A Federação instalou vinte e três escolas e jardins-escolas (em Tel-Aviv e nas diferentes colónias agrícolas) frequentadas por 453 crianças.

O poder de Afonso XIII! A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

O governo proíbe a afixação de cartazes e réclamos para agradar ao despótico regime ditatorial espanhol

Foi publicado um edital proibindo a afixação nas ruas de cartazes, manifestos e réclamos, sob severas penas de multa e prisão.

Regressamos assim aos tempos de Pina Manique pois há muitos anos, e não só em Lisboa como em todas as cidades civilizadas do mundo, se consente a livre afixação de toda a espécie de cartazes.

O mais grave ainda de tudo isto é que a ordem foi dada para atender a reclamação do ministro de Espanha que há dias vinha assediando o governo. Isto quer dizer que se prolonga a este país a autoridade despótica do rei de Espanha e dos generais, seus lacaios. Fez-se um edital de excepção. Como era ridiculo e vergonhoso proibir-se a afixação dos réclamos do livro de Blasco Ibañez contra Afonso XIII, proibiu-se toda a espécie de anúncios e réclamos. E assim Sua Magestade o rei de Espanha consegue estender aqui os seus domínios. Isto faz recordar os negradores tempos da Santa Aliança. Apenas uma diferença: a Santa Aliança era formada por reaccionários e dispostos entre si associados para combater a liberdade e esmagar com proficuidade todas as revoluções que tivessem esse objectivo. Aqui é um despota que impõe as suas opiniões, o seu critério perseguindo a um país que se rege por uma constituição que proclama a liberdade de pensamento e a um governo que afirma que a há-de manter a todo o transe.

Uma voz discordante

Alguem a quem as pregações do sr. Trindade Coelho no *Século* irritam enviou aquele jornal uma carta na qual se dizem duras verdades. E' claro que a carta não será publicada, motivo porque o seu autor nos pede que a reproduzamos nestas colunas: Dela recortamos a seguinte sugestiva passagem:

«Os que levaram o povo português à guerra na Flandres, para se fazerem ricos, deitam agora as culpas desta terrível situação à entrada na guerra, mentosamente afirmando que era necessário enviar soldados à guerra; mentem pois a Inglaterra se depois de muito instada consentiu o envio à Flandres desse corpo de maltrapilhos, sem a devida instrução, com um corpo de saúde assassino, cuja derrota em 9 de Abril os patriotas têm a originalidade de festejar».

E a seguir:

«O sr. defende o exército; lembre-se o que Cunha Leal disse d'ele há dias no parlamento. Súcia de parasitas. E a marinha de guerra, nem falar dela, se tomarmos em conta quanto custa ao povo idiota. Enquanto a jornais, compare o seu, considerado o melhor português com o *Times* inglês. O *Século* trazendo folhetins patetas, anúncios imorais neojotas e relatos de ocorrências neojotas que mais parecem conversações de mulheres da rale, não falando nas notícias da sociedade, tais como a morte da avózinha do varredor da sua redacção, etc.»

E para fechar:

«Para os srs. não há senão heróis, festas, foguetes e piolhos».

AS PERTURBAÇÕES NA CHINA

Recomeçaram as hostilidades O exército dos mendigos

SHANGAI, 16.—Lu-Yung-Hsiang, ex-«tuchun» de Chekiang, que apoiou Chang-Ts-Lin, marechal da Manchúria no recente movimento, ordenou uma mobilização das suas tropas para marchar Shanghai contra Chi-Hoieh-Yuan. O cruzador inglês *Carlisle* acaba de chegar a esta cidade. O exército de Lu-Yung-Hsiang é muito curioso, sendo composto de tropas russas, um corpo de tropas montadas em camelos, que é o primeiro que se viu na China central, e de uma divisão de mendigos recrutada em Nanning, que deu todo o nome ao exército, que é chamado o exército dos mendigos. Essas tropas, que não têm grande valor combativo numa batalha campal, seria um flagelo terrível para esta cidade se a conseguissem tomar.—(R.)

AS VÍTIMAS DA REACÇÃO

«Sabermos subir ao cadafalso» — escrevem Sacco e Vanzetti

No meado do mês de Dezembro p. p., os camaradas Sacco e Vanzetti escreveram a seguinte carta para Paris:

«Ao grupo libertário de Nancy e ao camarada Delucere, de Paris, que pessoalmente nos escrevem dando-nos provas dum grande afecto e solidariedade nestas horas tão trágicas, enviamos esta carta para que todos os camaradas recebam um abraço fraternal e saibam que sabermos subir ao cadafalso olhando frente a frente os verdugos da humanidade».

O *Libertaire* respondeu numas linhas sentidas, apelando para a solidariedade de todos os camaradas do mundo. Eis alguns parágrafos que traduzimos:

«A imprensa da vanguarda não pode negar as suas simpatias aos condenados. As organizações operárias, as quais perleceram os inflexíveis campeões, também deverão elevar o seu protesto perante a iminência do cumprimento de uma condenação que nada há de humano que a possa justificar. Os anarquistas devem tomar como seu, o grande perigo que ameaça Sacco e Vanzetti. Os próprios comunistas que sempre se serviram destes nomes nas suas lutas contra o capitalismo, não poderão esquecer estas duas vidas em perigo. Acção, pois, antes que o carrasco assassine Sacco e Vanzetti, e que tenhamos que cantar vergenhosamente «mea culpa»

NA ALEMANHA

A questão da evacuação de Colónia

O gabinete do Reich decidiu enviar aos representantes dos governos da *entente* em Berlim uma nota protestando energicamente contra a não evacuação da zona de Colónia. Neste documento o governo de Berlim esforça-se igualmente em refutar as acusações da *entente*, referentes ao desarmamento da Alemanha.

NOS ESTADOS UNIDOS

O «país da liberdade» expulsa indesejáveis

O vapor americano «Republica» chegou a Plymouth, Inglaterra, levando a bordo sete franceses, trinta e três ingleses e vinte e dois alemães expulsos dos Estados Unidos por motivos diversos. Alguns dentre eles por terem feito propaganda anarquista.

Para ser «desejável» na livre América é preciso fazer propaganda a favor dos financeiros e dos grandes reis da metálgia. Mas quem ouse elevar a voz a favor dos oprimidos, é expulso imediatamente em grande velocidade, sem se atender ao lugar para onde o mandam.

NA INDIA

O chefe do «Home rule» sacrifica a sua fortuna à causa

O doutor Das, *leader* do movimento para o «Home Rule» (A) na Índia, consagrou toda a sua fortuna, avaliada em perto de seis mil contos, à obra caritativa. Deixou, por uma habitação mais modesta, o verdadeiro palácio onde habitava, e que se transformará num templo indu. Consagrou, além disso, somas muito importantes para a fundação de colégios femininos e instrução religiosa da mulher. Decidiu abandonar o seu gabinete de advogado de Calcutá, que lhe dava um rendimento considerável para se dedicar inteiramente à causa que defende.

Apesar de não estarmos de acordo com a aplicação dada pelo dr. Das ao seu dinheiro, sobretudo no que se refere à educação religiosa, achamos, todavia, reconfortante que no meio de todos os especuladores da política e da finança ainda apareça um homem honesto e sincero, capaz de se impor a si mesmo sacrifícios para defender uma ideia.

NA SUECIA

Graves conflitos de trabalho

A burguesia sueca, com o fim de não ariscar os seus lucros, está preparando há muito tempo um ataque violentíssimo contra o proletariado, enquanto a classe operária em face do aumento crescente do custo de vida se vê obrigada a exigir aos patrões contínuos aumentos de salários.

O agravamento dos antagonismos de classes, manifesta-se principalmente na tentativa burguesa de mascarar a ofensiva com uma capa democrática-pacifista, cedendo o poder governamental aos social-democratas e organizando sistematicamente a contra-revolução fascista.

Por toda a parte aparecem inúmeros grupos fascistas usando títulos pomposos, faes como: «Socorro social», «Salvar as colheitas», «A Estrela Vermelha», «Liberdade de trabalho», etc.

Por outro lado o operariado reconhece o perigo crescente e consolida as suas organizações. Segundo um relatório do secretariado da Federação central pan-sueca, «Organização rural» contava 313.022 membros no dia 31 de Dezembro de 1923 e seis meses mais tarde em 30 de Junho de 1924, o número total era de 336.848. Hoje conta 400.000 membros.

Com a consolidação das organizações operárias aumenta a iniciativa de resistência contra a ofensiva dos exploradores. Os trabalhadores agrícolas já encetaram a luta pró-aumento de salários e para melhora das condições de trabalho; o mesmo acontece com os operários da alimentação e dos transportes.

Hoje, o operariado sueco vê-se lançado numa luta de gigantes. Já no mês de novembro como o contracto geral das tarifas findasse em 31 de dezembro, este foi anulado pelos sindicatos, em vista da pressão exercida pelos operários nesse sentido. Neste conflito intervieram mais de 80.000 operários, dos quais 40.000 metalúrgicos e 24.000 trabalhadores têxteis.

NA HUNGRIA

A reacção ainda persegue Miguel Karoly

A semelhança do que sucede em Itália, o parlamento húngaro, presidido pelo conde Bethlen, também se encontra boicotado pelos socialistas e democratas. O governo aproveitou-se desta ocasião para fazer votar a nova lei eleitoral reaccionária para as eleições municipais de Buda-Peste, e o novo regulamento da Câmara que serviria para suprimir toda a oposição. O conde Bethlen anunciou, além disso, a intenção de introduzir uma reforma eleitoral que, mantendo o escrutínio secreto, deverá restabelecer os privilégios da Primeira Câmara.

O antigo primeiro ministro da república húngara, o conde Miguel Karoly, actualmente exilado em Londres, foi recentemente julgado, e condenado por «alta traição» por ter aspirado, durante a guerra, a uma paz democrática. Atendendo, a que esta condenação se encontra em contradição com as cláusulas dos tratados da paz espera-se uma intervenção dos governos estrangeiros. No entanto um novo processo foi intentado contra Karoly. Acusam-no de ter difamado a Hungria numa conferência feita na Fabian Society de Londres perante os elementos mais em destaque do partido trabalhista. Evidentemente que os «processos Karoly» sucessivamente intentados não tem na realidade outro objectivo senão a confiscação por um julgamento judicial dos bens enormes que ele possui, e que designam para serem distribuídos na sua maior parte pelos camponeses pobres do seu país.

(*) Governo próprio, como o que reclamamos na Índia.

A educação moral na família

IV

A curiosidade das crianças

30.—A curiosidade "moral" da criança
A vida moral não é estranha à vida infantil.

As crianças observam-se entre si, desde muito cedo, e julgam-se nas suas atitudes, nos seus sentimentos, nas suas qualidades, nos seus defeitos, no seu carácter. Motem-se e fazem troça. Actuam e defendem-se. Também protegem os mais fracos que têm. Observam os pais, os professores, os colegas, os tios, os avós, os irmãos, os vizinhos, os estranhos, tudo, para se divertirem com isso, arremedá-los pela voz, pelos gestos ou mesmo pela caricatura.

São também curiosas de emoções, gostam de meter medo aos outros e, embora recando ter medo, gostam também de sentir o estremecimento, o arreio do medo. Daí vem a sua insistência algumas vezes em pedir e tornarem a pedir histórias terríveis. Esta curiosidade de selvagem que existe na criança, é preciso, pois, satisfazê-la com prudência e, às narrações em que o sangue corre, em que a violência impera, em que a crueldade mostra a sua horrível máscara, preferir o maravilhoso sorridente ou mesmo fantástico, mais salutar para a imaginação infantil do que a rudeza das nossas origens, evocadas em histórias homicidas.

A criança faz sofrer ou vê sofrer com indiferença, e mesmo com um certo prazer. La Fontaine disse da infância: «esta idade é sem consideração».

Há nela uma insensibilidade, uma espécie de inconsciência de que é preciso libertá-la o mais cedo possível.
Aproveitemos a curiosidade da criança em observar as plantas, os animais e os homens, para "lhe" fazer observar também que estes seres vivem como ela, e são sensíveis, que sentem a dor como ela a sente quando lhe batem ou a brutalizam. Não teremos grandes dificuldades em fazer-lhe sentir que a sensibilidade nos seres humanos assim como nela própria, vai além da sensação física como o frio, o calor, a dor, e que não deve causar pena a um único qualquer destes seres humanos, porque sabe já por experiência o que quer dizer «sentir contranger-se o coração», mesmo quando não se leva pancada.

Reprimamos, no nosso filho, o prazer que lhe sinto com o sofrimento ou com o espectáculo dos defeitos ou das misérias dos outros: tomemos, se preciso for, energicamente partido contra ele a favor do oprimido, animal, criança ou homem, e assim impressionaremos a sua alma, torná-lo-emos atenciosa para com a fraqueza, solidária com os que sofrem e curiosos, cuidadosamente curioso da vida moral do seu semelhante.

Tornar a criança curiosa do homem, do ser humano em carne e osso, que pensa, sente, padecer, sofre, ama, sorri e ri, é torná-la curioso e solidária daquele que tem face, cérebro e coração como ele, é prepará-la para ser curiosa de si própria e curiosa de seu irmão olhando-o na alma e interrogando-lhe o pensamento e o coração.

O aniversário do Partido Socialista

Na sessão comemorativa do aniversário do Partido Socialista, ontem realizada no centro de Alcântara, falaram Abílio Jerônimo, Eduardo Cardoso e Martins Santarém, que afirmaram que a frente única do operariado principia pelo respeito de umas organizações pelas outras, motivo porque o partido socialista não ataca e até defende a Confederação Geral do Trabalho.

A reacção governa a Alemanha

PARIS, 16.—A grande maioria da imprensa põe em relevo o carácter reaccionário do novo gabinete alemão.—(L.)

BRINCADEIRA FUNESTA

Uma morte e um suicídio

Na rua da Praia de Pedrouços, 102, r/c, residia com a sua irmã o guarda-chuva 304, da 5.ª esquadra, que tinha por costume brincar com esta apontando-lhe a pistola. Ontem, por volta das 18 horas, o 304 repetiu a mesma brincadeira, mas desta vez com tanta infelicidade que a arma se disparou, indo a bala atingir a irmã na cabeça. Ao ver esta prostrada, o cidadão voltou a arma contra si e disparou um tiro no ouvido direito. Reclamados os socorros da Cruz Vermelha, compareceu ali imediatamente um auto-maca que transportou os dois feridos ao hospital de São José, onde já chegaram mortos, pelo que os cadáveres foram removidos para a Morgue, onde ainda se ignoram as suas identidades.

Eden Teatro

HOJE — ÀS 9,30 DA NOITE
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO
da fantasia de grande espectáculo em 2 actos e 17 quadros

Pic-Nic

original de ASCENSO BARBOSA
Música de ASCENSO BARBOSA
Desempenho de toda a Companhia
OPELO DE CARVALHO
e SOUSA sob a sua direcção e encenação
Direcção musical do maestro António Lopes
Montagem eléctrica de João dos Santos
Cabeleiras de Vitor Manuel
Rerregos de José Guedes

Estão já à venda os bilhetes para as primeiras récitas

PÁGINAS ALHEIAS

A quem aproveita o progresso?

por Georges Bastlen

E' um facto incontestável que de há cinquenta anos para cá a situação material dos trabalhadores, ainda que pouco, tem melhorado.

O dia de trabalho que era de doze horas há trinta anos, foi bastante reduzido. Se as oito horas estão ainda longe de ser aplicadas integralmente, elas já o são todavia num número razoável de corporações. Pode-se dizer que no conjunto, a jornada de trabalho do proletário da indústria não passa de nove horas.

No que respeita aos salários, temos a mesma melhoria a constatar. Certamente, que se o salário dos operários aumentou, o custo da vida seguiu-o progressivamente a grandes passos. Mas é indiscutível que as condições de existência são um pouco superiores às dos nossos pais e dos nossos avós.

Algumas outras melhorias sobre higiene e segurança de trabalho têm sido igualmente realizadas.

As questões de seguros sociais, duma melhoria reforma para a velhice, da protecção contra a falta de trabalhos, estão presente ainda em projecto. Mas serão um dia realizadas, primeiro as «gotas», e depois mais largamente sob a pressão das reclamações. Da mesma forma as alocações familiares que põem em prática as próprias exploradoras.

Os reformistas, da política ou do sindicalismo, vão gritar vitória, lendo esta breve exposição das melhorias obtidas. Os burgueses também se gabarão dos seus sentimentos de humanidade e de filantropia.

Alto lá! Estes magros resultados obtidos não o tem sido pela boa vontade dos senhores da sociedade. A longa e dura greve de Douaniers nos dá um exemplo impressionante. Foi preciso, é preciso ainda, e será preciso durante muito tempo que os miseráveis lutem com heroísmo, a menor parcela de bem-estar àqueles que se enriquecem à custa do seu trabalho.

Foi preciso que os operários se associassem, se agrupassem, se organizassem em sindicatos para poderem conduzir a luta sem descanso. Quantas batalhas operárias, tão depressa terminando por vitórias, tão depressa por compromissos ou por revezes, mas que no conjunto permitiram a melhoria progressiva da sorte dos deserdados. Pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que o sindicalismo em todos os países pelos seus métodos de acção directa, tem conseguido mais resultados para os trabalhadores do que séculos de acção política.

Falar de boa vontade dos exploradores é irrisório, quando todos os dias somos testemunhas dos esforços inauditos que têm de fazer os desgraçados para melhorarem a sua sorte. E' fora de dúvida, que se nunca tivessem havido reclamações nem lutas, os privilegiados teriam clinicamente deixado os operários na mesma situação, em que se encontravam os seus antepassados.

Pois que houve reformas, melhoria, é inevitável. Mas o que é mais certo ainda, é que elas tem sido o resultado de batalhas travadas pelo proletariado organizado.

Estas melhorias não têm custado custado caro aos exploradores. Elas não lhes tem impedido de engrossar os seus montes de milhares, de levarem uma vida cada vez mais luxuosa, de representarem de grandes senhores em proporções que pareceriam fantásticas aos seus iguais de algumas décadas.

Se o trabalhador viu melhorar a sua situação, suponhamos de 50 %, a dos patrões, grandes negociantes e financeiros sofreu uma progressão muito mais formidável. Guardadas as proporções do custo da vida, pode-se dizer que as castas privilegiadas viram, no mesmo espaço de tempo, o seu conforto, o seu luxo tornar-se quatro,

cinco, dez vezes mais elevados. Inútil demonstrá-lo mais amplamente. Um olhar sobre a sociedade vos convencerá imediatamente.

A que é devido isso? A resposta é fácil. E' porque todos os progressos técnicos desenvolveram consideravelmente os meios de produção e de transporte, por conseguinte as possibilidades de criar a riqueza, e que estes progressos tem sido quase unicamente aproveitados pela burguesia.

Os patrões podem facilmente melhorar a situação dos seus explorados, reduzir a jornada de trabalho dum terço, e aumentar, por exemplo, o seu bem estar também dum terço. Ao mesmo tempo que eles se tem deixado arrancar estas melhorias, a técnica tem de tal forma aproveitado as experiências, descobertas, invenções e simplificações, que onde eram precisos três operários trabalhando doze horas para uma dada produção, basta hoje só um, trabalhando oito horas.

Todas as indústrias evoluíram neste sentido. Na metalurgia e na indústria textil principalmente os progressos são fantásticos. Nos teares e fições, vê-se correntemente homens e mulheres produzirem vinte vezes mais — do que os operários podiam fazer antes da introdução dos maquinismos.

E o trabalho em série nas oficinas metalúrgicas? E a introdução do maquinismo nas tipografias? Os exemplos encheriam um livro, só trazendo um resumo rápido dos efeitos do maquinismo em todos os ramos de indústria.

A construção civil e a agricultura tem sido mais lentas a acompanhar esta evolução, mas também entraram na causa do progresso, vão marchando a passadas largas.

Se se pudesse estabelecer exactamente a multiplicação da potência da produção por trabalhador válido sobre o que era há duas ou três gerações, ficaria-se lá deslumbrado. E se, por outro lado, se calculasse exactamente o que representa a melhoria da sorte dos pobres, compreender-se-ia bem de pressa que as reformas realizadas não custaram grande coisa aos senhores. Se a técnica moderna permitiu multiplicar por cinco as riquezas produzidas, deu-se talvez uma parte às reformas sociais, mas ficaram quatro nas mãos dos privilegiados.

Isto é uma verdade muito importante, que seria útil estabelecer, ante de fazer coroas ao espírito de filantropia dos burgueses.

Não! Eles não fizeram nenhuma concessão aos trabalhadores. Teriam preferido certamente guardar tudo para si, mas o que eles abandonaram não é senão uma bem mínima fracção do que conservaram.

Não somente acabaram todas as riquezas naturais da terra, monopolizando o fruto do trabalho da espécie humana, mas ainda detêm esta outra riqueza de primeira ordem: o progresso. Eles só tiram dele todos os benefícios.

E contudo, não são — salvo algumas raras excepções — os burgueses, quem transformaram a técnica moderna. Foi entre os que trabalham, que germinaram todas as ideias de progresso. O senhor, em geral, não sabe senão gosar, e não pensar.

Os reformistas pretendem transformar a sociedade por pequenas e lentas etapas. Que ilusão! O capitalismo reforça-se sempre, mesmo cedendo em certas «reformas». Mas um século como o período destes cinquenta últimos anos, e a Burguesia será formidável.

A utopia reformista deve ser combatida. E' preciso outra coisa diferente — uma revolução integral — para que a humanidade trabalhadora marche efectivamente para o seu ideal de emancipação, de bem estar e de liberdade.

O GOVERNO DOS SOVIETES

Os Estados Unidos vão reconhecer-lo

WASHINGTON, 16.—O senador Bora declarou numa entrevista que o reconhecimento do governo dos soviets pelos Estados Unidos será um facto dentro em breve.—L.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Linda-a-Pastora

LINDA-A-PASTORA, 15.—A comissão reorganizadora do Sindicato da Construção Civil desta localidade, promove amanhã uma grande sessão, tendo fidei distribuir um convite aos operários da construção civil.

A referida sessão realiza-se às 15 horas, devendo assistir dois delegados da respectiva Federação.

C. C. de Reguengos de Monsaraz

REGUENGOS DE MONSARAZ, 12.—No próximo domingo, 25 do corrente, realizar-se-á, promovida pelo sindicato da construção civil, uma sessão de propaganda sindical a que assistirão delegados da federação daquela indústria.

REGALIAS OPERÁRIAS

O horário de trabalho em França

PARIS, 16.—Sob proposta do conselho de ministros o presidente da república assinou um decreto criando o Conselho Nacional Económico e outro aplicando o horário das 8 horas de trabalho ao pessoal ferroviário.—L.

Queixas e reclamações

Operários maltratados

Os tripulantes portugueses matriculados nos vapores de Cypre Fabre Line, e que fazem carreiras para a América do Norte, são maltratados a bordo, sofrendo prisão clandestina a bordo dos ditos vapores. Como há um decreto que obriga a matricular duns tantos tripulantes para um certo número de emigrantes portugueses, parece que isto não agrada à Companhia, que consente que os ditos tripulantes portugueses sejam maltratados e presos antes dos navios chegarem aos portos de destino, o que lhe evita despesas de alimentação e ordenados.

Era bom que o comandante do porto de Lisboa fizesse comparecer na Capitania os capitães desses vapores, quando nêles se matriciem tripulantes portugueses, para os ouvir sobre este assunto que tem grave é

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

Regressada de Setúbal, reaparece hoje no Apolo a companhia daquele teatro que levará à scena a peça «Amor de Perdição».

—E' esta noite, definitivamente, que sobe à scena no Eden Teatro, a fantasia de grande espectáculo «Pic-Nic», o novo original dos escritores Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa. A peça que será representada por toda a Companhia Opele de Carvalho, tem a seguinte distribuição:

«Pic-Nic» compere, António Gomes; «Lago amoroso», Imprensa digital; «Manual das conquistas», Maria Canhora; «Falsa aparência», Julieta Soares; «Corpo de delicto», «Sorriso gaiato», «Império», «Hora do pecado», «Pérola», Adeline Fernandes; «Dona Hurraca», Júlia de Assunção; «D. Juan», «Goyomaniá», Mercedes Gonçalves; «Cupido detective», Maria Leão; «Abuso de confiança», «Olhos falsos», Ema de Oliveira; «Pick-Pockets», «Madame Bera», Dina Moreira; «Telefonista», Ilda Silva; «Hora do pecado» (bailado), Maria Lisboa; «Pantomina das glórias», «Bailarina», «Soirée Blanche», Milka; «Primeira dactilógrafa», Maria Vitória; «O pistarini dá cá uma coroa», «Teias de aranha», «O corridinho», «O 1925», «Polícia russo», «Pateta das Luminárias», «Olhos falsos», Santos Carvalho; «O amor outro isso não», «Poeta Político», «Conselheiro Pevides», «Sábio da Grécia», Aurélio Ribeiro; «O envenenamento», «O quanto tu mais me bates», «Banquete político», «O polícia do jazz-band nacional», José Silva; «1.ª conquistador», «Horror crime T. F.», «O sacristão do jazz-band nacional», Alfredo Silva; «2.ª conquistador», «O chauffeur do jazz-band nacional», «Hora do pecado», João Silva; «3.ª conquistador», «Arsene Lupin», «O Zé Pereira do jazz-band nacional», Júlio Martins; «O carroceiro do jazz-band nacional», C. de Carvalho; «O deita gados do jazz-band nacional», José Guedes; «O vigarista», «O galucho do jazz-band nacional», «O jovem», Raúl Silva.

Reclames

Realiza-se hoje uma estreia no Coliseu dos Recreios que, podemos desde já afirmar, é a mais sensacional da temporada. Trata-se do notável e arrojado artista Albino que executa o emocionantíssimo e perigoso exercício do «looping-the-loop», do promenoir para a pista, em bicicleta, trabalho que causa sempre sensação não só pelo seu perigo como pela velocidade com que é executado.

OPINIÕES E ALVITRES

A crise de habitação

Como é do conhecimento de todos, a crise de habitação é um mal que flagela a humanidade inteira; e, assim, desde a mais sertaneja aldeia à capital do distrito, vive-se numa promiscuidade que revolva.

A crise alastra-se e constata-se que as construções ultimamente levadas a cabo não resolvem o problema, pois que na sua grande maioria elas são destinadas aos que, possuindo fortunas à custa do nosso suor, podem pagar as elevadas rendas.

Medidas que tenham o objectivo de pôr termo a esta anomalia não aparecem, à excepção duma proposta presente em sessão camarária pelo vereador sr. Freire da Cruz, que reconhece serem as moradias pequenas, embora sem conforto, um recurso extremo para acudir à alijativa situação de milhares de pessoas sem abrigo. A Câmara, concordando com a referida proposta, deliberou que não fossem aplicadas multas, por transgressão de posturas municipais, a todos os indivíduos que até dezembro do ano findo fizessem pequenas moradias. Em consequência desta pequena regalia construíram-se algumas casas, embora abarrecadas, nas quais se alojaram já muitas famílias que eram forçadas a viver em promiscuidade em casa de estranhos.

O que, porém, agora se tornava necessário era que o vereador sr. Freire da Cruz, que tam boa vontade demonstrou em atenuar um pouco a grave crise de habitação com a sua proposta, diligenciasse que, a exemplo do ano findo, a Câmara renovasse este ano a mesma regalia, pois que desta forma mais algumas moradias se fariam, contribuindo assim para que a crise de habitação se fosse atenuando e também se empregassem alguns operários da construção civil.

FÉLIX ANTÓNIO FERNANDES
(Pintor da C. Civil)

OS QUE MORREM

MANIFESTAÇÃO FÚNEBRE

Realiza-se amanhã, pelas 13 horas, uma manifestação a Joaquim Amaro, vítima de um acidente de trabalho, partindo da rua do Jardim do Tabaco, junto à Industrial Agrícola.



TEATRO NACIONAL

HOJE

2.ª REPRESENTAÇÃO

da comédia em 4 actos dos comediógrafos P. Armont, M. Gerbi, dos e Manoussi, tradução de Alberto Moraes

DICKY

interpretada pelos artistas: Ilda Stichini, José Ricardo, Maria Pia, Ribeiro Lopes, Albertina de Oliveira, Henrique de Albuquerque, Maria Pilar, João Calazans, Joaquina de Oliveira, Carlos Sousa, Otávio Bramão, Júlio Soares e Carlos Shore.

Scenários de Campos e Oliveira
Encenação de Augusto de Lacerda

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Sines

Apreensão de cortiça

SINES, 14.—O fiscal técnico continua cumprindo as instruções dadas pela Federação, tomadas no Congresso, sobre a fiscalização das cortiças, tendo efectuado no passado dia 11 mais uma apreensão de grande quantidade de fardos no porto de embarque, que seguem para o estrangeiro, pertencentes à casa Herold. Pena é que a classe de descarte tanto a acção dos fiscais, devendo até dispensar-lhes o apoio moral para melhor se desempenharem da espinhosa missão que lhes está confiada.

Os industriais tomam as apreensões feitas como vingança e preparam-se para perseguir os fiscais apreensores, isto é: não os querem admitir nas oficinas. E' para esta vingança que a classe deve preparar-se não quer ver os fiscais só de mãos nas algibeiras, passando e recebendo os seus vencimentos, sem se importarem com os interesses da classe.

Quanto ao fiscal do governo, deve cumprir melhor os seus deveres, pois o serviço que até à data tem executado deixa muito a desejar, e a continuar assim, a classe corticeira ver-se-á na necessidade de reclamar a sua substituição.—E.

Messines

Um padre brigão

MESSINES, 13.—O padre Vaz, que vem de ejacular as mais revoltantes injúrias contra a juventude operária que não bebe pela sua cartilha, especialmente quando ora na igreja aos reducidos fiéis que estoicamente ali vão suportar as suas prédicas, cometeu há dias, na pessoa da companheira do operário João Manuel, actualmente em Faro, mais uma das suas muitas proezas.

Quando aquela senhora se encontrava em sua casa com um filho, viu o seu lar invadido pelo padre Vaz, que desalmadamente os agrediu a ambos.

Esta covarde agressão, tanto mais efectuada na ausência do chefe da casa, indignou todas as pessoas que do facto tiveram conhecimento.

No entanto, o padre brigão passeia livremente sem que alguém lhe peça contas do seu acto.—E.

Coimbra

O novo preço do pão—Interessantes resoluções dos industriais

COIMBRA, 15.—O comércio de domingo contra a crise de trabalho, baixa de salário e carestia da vida—porque nele se tratou da questão do pão—trouxe para os respectivos industriais sérias apreensões. Andam furibundos contra os oradores, especialmente contra um manipulador de pão que, como técnico, prova que eles ganham num dia, muito «honradamente», o que a qualquer operário daria para viver à larga durante uma semana. Isto, claro está, referindo-nos aos pequenos industriais, porque quanto aos grandes...

Numa reunião havida ontem—isto é: na véspera do dia em que o novo preço do pão ia vigorar—e em que tomaram parte os da Portugal e Colónias, Panificação de Coimbra e Belas e Irmão, os três potentados e donos nestas questões de farinhas e preço do pão, resolveram-se cousas boas e bonitas. E, uma delas, foi a de parar a laboração, no caso de haver violências contra eles. Por exemplo: no caso de algum ser preso ou multado por causa do preço ou fabricação de pão!!

Vê-se bem que os «homens» estão dispostos para a luta...

O edital do delegado do governo diz: «depois de ter consultado as partes interessadas» resolveu-se que o preço desse artigo fosse o seguinte: de luxo, 3000; de 1.ª, 2500; de 2.ª, 2500.

Depois de consultadas as partes interessadas? Quais partes interessadas? Os industriais, com certeza, pois nenhum organismo operário foi consultado. Nem tampouco se procurou atender às reclamações formuladas no primeiro comício aqui realizado, que eram claras: «preço igual ao de Lisboa e Porto ou mais barato, se possível fosse». Depois, não é só isto, o que se encontra à venda é pão de luxo e de 1.ª. E o que é feito do de 2.ª? Acaso toda a gente terá dinheiro para comprar pão fino, demais atravessando-se uma crise de trabalho?

Quanto ao preço das farinhas, não era mau que, a quem compete tratar do assunto, por ele se interessasse, pois os armazénistas estão-lhe puxando as «orelhas».

Acaso a Sociedade de Mercarias e outras quererão protestos e actos violentos do povo para depois se saciarem mais à vontade?—C.

Praia da Nazaré

Catorze pescadores desaparecidos

PRAIA DA NAZARÉ, 15.—Reina grande ansiedade na população desta localidade pelo não aparecimento de um barco de pesca do alto mar.

Foi no dia 12 do corrente que saíram para o mar alto muitos dos batéis de pesca aqui existentes, os quais, acossados pelo forte temporal que os surpreendeu, regressaram todos no dia seguinte, à excepção do batel pertencente a Joaquim Casalinho, que até à data ainda não apareceu.

Muitos têm sido os telegramas expedidos para vários pontos da costa portuguesa a fim de se saber do paradeiro do referido batel, mas até ao momento em que escrevo, todas as respostas tem sido negativas, o que leva a crer que estamos em presença de um naufrágio.—C.

Ponte de Sôr.

perseguições do delegado do governo

PONTE DE SOR, 14.—O sr. José Sabino Fontes o omnipotente moçoiro, industrial padeiro local, não desiste de manifestar continuamente a sua vontade de perseguir e vexar os que trabalham.

Conhecido é dos leitores que este fardante depois que está à frente da administração de concelho «há cerca dum ano» tem cometido grande número de iniquidades, chegando a encerrar a escola mantida pelos trabalhadores no seu Sindicato, que foi rea-

berta pelo ministro da Instrução no governo transacto. Pois o homenzinho tem-lhe custado ver a escola a funcionar e continua com as perseguições.

Assim pois no dia 13 do corrente cerca das 10 horas da noite quando a camarada Miquelina Sardinha (a encarregada da escola) estava leccionando os alunos do curso nocturno vê com espanto entrar pela porta dentro, e isto sem que pedissem licença, o sr. José Sabino Fontes, o tenente Galhardas da G. R., o professor oficial local e um sujeito desconhecido.

Tendo todos entrado o desconhecido dirigiu-se a Miquelina e sem que declarasse quem era, fez-lhe umas perguntas sobre a escola. Trocadas umas curtas palavras os homenzinhos saíram todos.

Nós não podemos deixar de protestar contra esta visita (que algum fim tem em vista) feita à casa dos trabalhadores, na sua ausência. O desconhecido, dizem-nos umas pessoas, que era o ministro da Instrução e dizem-nos outras que é um secretário dum ministério.

O tenente, já com esta são duas visitas que faz aos trabalhadores, quando afinal é de nada lá tem que fazer pois que os trabalhadores nunca lá tiveram descalços.

Sabemos que os trabalhadores vão reunir para apreciar as perseguições de que estão sendo vítimas.—C.

Póvoa de Varzim

Uma conferência

PÓVOA DE VARZIM, 13.—Comemorando o 30.º aniversário do Partido Socialista, realizou o Centro desta vila uma conferência, no salão dos Bombeiros Voinitários, em que o dr. sr. Herlander Ribeiro tratou «A posse dos mares», numa linguagem literária, com uma argumentação nem sempre dentro da lógica, porque sendo a maioria dos que morrem no mar constituída por trabalhadores marítimos, deixa de ter razão de ser aquele seu conceito: «o mar tem carinhos de mãe para aqueles que o vão trabalhar».—C.

Mina de S. Domingos

A generosidade da empresa

MINA DE SÃO DOMINGOS, 13.—Quem tiver dedicado um pouco de atenção à nossa última correspondência publicada em A Batalha, terá previsto o que para cúmulo dos ultrajes lançados à face dos operários é já criminoso facto.

Enquanto cada operário ao serviço da mina tem «vantajosamente» direito a 15 quilos de farinha por 30\$00, as praças da G. N. R. recebem 30, ao mesmo preço!

—Ontem e hoje foram expulsos dos serviços da empresa 20 operários. Nos casos destes párias observam-se quadros horripilantes de miséria.—C.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 horas (9 da noite)

ESTREIA

Do emocionantíssimo e perigoso exercício executado em bicicleta, do «promenoir» para a pista, pelo notável e arrojado artista

ALBINS

O mais sensacional número da temporada

Todas as grandes novidades e atrações da

Nova Companhia de Circo

O melhor, mais variado e mais barato espectáculo de Lisboa

Amanhã — Grandiosa «matinée»

BILHETES A VENDA

CONFERÊNCIAS

O problema do Banco emissor

O «Notícias Financeira», promove uma série de conferências, na Associação Comercial de Lisboa, subordinadas ao título genérico «Os problemas do momento».

A primeira realizar-se há hoje, às 21 horas, sendo, nela tratado «O problema do Banco emissor», pelo sr. Alves Denis.

Aos coleccionadores

de o Suplemento «A Batalha»

Previnem-se os coleccionadores de o suplemento semanal de A Batalha que se está preparando umas capas artísticas e um índice que vem melhorar consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções de 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

Sentimentos policiais



O INQUÉRITO DE "A BATALHA"

Continua a atestar a incapacidade administrativa do Estado, a incuria dos Municípios e o espírito egoísta dos detentores da terra e dos instrumentos de trabalho

Mais uma vez voltamos a pedir aos sindicatos que ainda não responderam ao nosso inquérito, que o façam com a maior brevidade. Não pode ser, de nenhum modo, adiado o encerramento deste inquérito. As respostas que vierem tarde ou que não mais se recebam, farão com que ele se encerre incompleto.

Rurais de Borba

Do sindicato dos rurais de Borba recebemos a seguinte comunicação:

Trabalhos por conta do Estado:

- 1.º Concerto das estradas que vão de Borba à Vila Viçosa, a Elvas e a Extremoz.
- 2.º Construção de barrios operários.
- 3.º Obrigar todos os proprietários das casas devolutas a alugá-las.

Trabalhos por conta do Município:

- 1.º Concerto da estrada que vai de Borba à freguesia da Amada.
- 2.º Construção duma ponte na praça onde se faz o mercado.
- 3.º Construção de praias e sentinas.

Barquinha

Por não existir na Barquinha organização operária é dum nosso camarada a resposta que a seguir publicamos:

Trabalhos por conta do Município:

- 1.º Construção de canos de exgôto.
- 2.º Reparação do chariz da Barca.
- 3.º Iluminação eléctrica da vila. Está actualmente as escaras, pois os candieiros de petróleo não são acesos.
- 4.º Construção duma fossa no Paul para se vazarem os dejectos, evitando assim que

INTERESSES DE CLASSE

Reorganização dos serviços públicos

As funções do Estado na vida das sociedades, são cada vez mais limitadas. Pretender fazer uma reforma sem atender ao estado da evolução do povo em que ela tem de actuar, é pretender fazer reformas apenas para servir clientelas e conquistar popularidade. Não basta reformar, é preciso além de tudo moralizar, fazer das repartições públicas, repartições para o público que paga e necessita ser servido.

Tem o funcionalismo de há muito a sua carta de alforria: o regulamento disciplinar, pois ela, em face dos caprichos dos senhores feudais nada é, ou representa; pelo mais insignificante motivo, enreda-se o funcionário nas malhas duma sindicância, que nem a razão nem a justiça delas o conseguem safar. Não basta conceder direitos, é necessário confiar os meios para eles se empregarem; actualmente a e propósito do mais torpe capricho ordena-se uma sindicância, que embora nada comprove contra o funcionário nela visado, nem por isso deixa de soterrar os seus efeitos, pois que ela dura semanas, meses e até anos desde que isso convenha aos interesses de quem a promove, e num caso desses como actualmente sucede com o funcionário da Providencia, Amara Frazão, que meios restam ao atirado para se libertar da situação verdadeiramente embaraçosa que lhe criou? Nenhuma!

As sindicâncias que em diversas repartições são o pão nosso de cada dia, nunca caminham com aquela celeridade que seria para desajar, algumas arrastam-se tempos intermináveis para, passados eles, nada se provar, mas que, se por detrás dela está o ódio torvo do promotor e dos seus apauçados, com algumas sucede até o caso curioso de próprios sindicados por mais promessas que obtinham dos próprios ministros nem assim conseguem ver terminar o que já sabem concluído.

A reorganização impõe-se, é facto, mas feita criticamente e de forma a que todos a bem digam. Acabe-se e duma vez com a cantata de milhares de funcionários sem carteira com que o comércio entretém aqueles que rouba e explora, e para tal, coloque-se cada um nos lugares que lhe competem. Há funcionários a mais? Se há, afasta-se a polícia, dispensem-se os reformados, demitam-se os madraços e destaquem os militares, mas, faça-o quem o pode e deve fazer e não a política, para que como sempre não tenhamos que lamentar o tempo que se perde.

Esta é a luta o funcionalismo, pois que a reforma dos serviços sem a sua intervenção e a unificação de vencimentos muito o podem prejudicar. A lerta pois!

PAULO EMILIO

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado esteve ontem no ministério do interior, conferenciando com o chefe do gabinete do ministro a quem entregou um protesto do povo de Benavilla, em consequência de os reacionários daquela localidade quererem, no próximo dia 20, realizar ali uma procissão e que a consequência o seu fim, para o qual tem o concurso do delegado do governo, que para tal diz, fazer-se acompanhar, de grande número de guardas republicanos o que ocasionaria certamente alteração da ordem naquela localidade. A fim de evitar algum descalço aquela entidade ficou de comunicar o facto ao ministro do interior.

Também sobre a situação dos presos sociais que se encontram em Lubango o Secretariado avistou-se com as entidades a quem o caso está afecto ficando muito brevemente de obter uma decisiva resposta sobre o assunto.

Também este Secretariado esteve na Cadeia do Limoeiro onde falou com os presos sociais sobre assuntos que lhe dizem respeito.

Lê o Suplemento de A BATALHA

A União Fabril em foco

O pessoal reivindica o horário de trabalho

Deu a estampa, há dias, A Batalha, a notícia do golpe que a Companhia União Fabril pretende dar nos salários do pessoal ao seu serviço, na Fábrica Aliança, ali na rua 24 de Julho.

O nosso informador, muito do foro íntimo do movimento daquele estabelecimento, prometeu completar os seus informes, quando lhe fôsse possível.

Mercê da sua nova visita a esta redacção pode, hoje a leitor conhecer o que vai pela Aliança, no que respeita à situação do pessoal.

—Diga-nos, perguntámos ao nosso entrevistado, como se encontra o pessoal, pois sabemos haver feito uma reclamação?

—Já vão decorridos três meses, salvo erro, que uma comissão do mesmo apresentou à gerência uma reclamação que é justíssimo destacar.

—Trata-se da consolidação do horário de trabalho, que subrepticamente a referida gerência anulou.

—Calcule, que segundo o seu estreito critério, não é possível conhecer-se se o pessoal tem essa regalia.

—Como assim?—atalhámos.

—A empresa, chamamos-lhe assim, criou o salário-base, conseguindo, por este processo, iludir o próprio pessoal.

—O salário-base tem por fim forçar o operário a trabalhar um limitado número de horas para auferir um maior salário.

—Tomamos por base, que o operário em 8 horas devia auferir 16000, representando, por consequência, 2000 por hora. As duas primeiras horas, depois das quais, segundo a lei, seriam acrescidas de 50 p. c. e as restantes a dobrar. A empresa, porém, se o operário proporcionalmente ao respectivo quando feridos dois escudos só os recebe quando ele completa diariamente 8 horas. Se fizer menos horas já não recebe essa proporcionalidade, mas uma outra inferior.

—De forma que se o operário conseguir consolidar o horário, conseguirá igualmente alcançar um maior salário.

—É precisamente esse o principal objectivo do movimento do pessoal, segundo já o depreendi a um dos membros da comissão de melhoramentos.

—É verdade que o pessoal tem, acrescido do salário-base, uma subvenção, representando de tal forma uma trapalhada que é difícil fazê-la compreender dum simples facto.

—Mas também o que é axiomático, é que o operário da Aliança não quer conformar-se com a subvenção, que considera uma esmola.

—Quer que lhe seja pago como o prescreve a lei sobre horário de trabalho, aceitando, no entanto, a realização de horas suplementares quando o trabalho o exija, mas pagas como o estabelece a própria lei.

—E note que a reclamação do pessoal está dentro do espírito da lei, que a gerência tanto se ufana de respeitar.

—Mas como ficarão os salários?

—Haverá maior possibilidade de poder fixá-lo, uma vez que essa ficção da subvenção e do salário-base desapareça, vencendo um salário fixo sem as mutações que lhe provoca o já estafado salário-base.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

—Isso é dos meandros da acção do pessoal que, meu amigo, não sou dos mais fortes em conhecer, afirmando-se-me estar disposto a isso. Mas, por hoje, declaremos o nosso interlúdio, é o que o posso informar.

—E o pessoal saberá conduzir-se dignamente a impôr a sua vontade?

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

U. S. O. de Lisboa

Convite aos Sindicatos Operários

A União dos Sindicatos Operários, convida todos os operários sem trabalho a inscreverem-se nos seus respectivos sindicatos, imprevisivelmente até hoje à noite, afim de serem fechadas as listas de inscrição.

Também solicita aos sindicatos que enviem as relações até segunda-feira, às 19 horas, à sede da União.

Federação Nacional da Construção Civil

A comissão de demarques pró-solução da crise de trabalho, entrevistou ontem o secretário particular do ministro do Comércio, expondo-lhe as declarações feitas pelo Administrador da Caixa Geral de Depósitos, sobre o levantamento da verba de 3000 contos para o desenvolvimento das obras das Casas Económicas da Ajuda. Por aquele senhor foi dito à comissão que o assunto devia ficar resolvido hoje, porquanto o sr. ministro do Comércio encarregou o sr. Ortigão Peres de preencher as necessárias formalidades para o levantamento da respectiva verba.

Foram-lhe também pedidos esclarecimentos sobre a data em que começaria a construção das novas oficinas gerais dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, tendo aquele senhor declarado que por parte daquel ministro estava tudo em condições das obras poderem começar imediatamente, estando unicamente pendente do ministério das Finanças o ser fornecida a respectiva verba.

A comissão na próxima semana prosseguirá nas suas demarques, tratando especialmente da crise nas províncias.

Convite do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa

O Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa convida novamente os metalúrgicos desempregados a reunirem-se hoje, às 15 horas, na sede do Sindicato, a fim de lhes serem expostas as demarques realizadas pela comissão de melhoramentos.

A situação do operariado de Aldeia Nova de São Bento

ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO, 15.—A crise de trabalho pode considerar-se geral nesta localidade.

Especialmente na classe rural, é onde ela se faz sentir com maior intensidade, havendo grande número de trabalhadores que há meses não trabalham.

Para apreciar esta situação reuniu o Sindicato dos Rurais, tendo vários camaradas apreciado devidamente a atitude dos trabalhadores que obstinadamente estão lançando os rurais na mais crítica situação.

Foi nomeada uma comissão que entrevistará o governador civil, administrador do concelho e presidente da Câmara Municipal de Serpa, comissão que ficou composta por Manuel A. Salazar, José Martins Costa e M. J. Quaresma.—C.

Condutores de Carroças

A Associação de Classe dos Condutores de Carroças, convida todos os condutores de carroças, sindicados ou não, que se encontrem desempregados a irem inscrever-se na sede.

Um exemplo a seguir

Reuniu, na sede do S. U. Metalúrgico, todo o pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses, tendo resolvido não fazer horas suplementares nem consentir que se fizessem turnos nocturnos, isto enquanto houver operários desempregados, resolvendo mais que, quando a casa tenha bastante trabalho, admita o pessoal que for necessário para trabalhar no turno de dia.

Desesperada situação da classe corticeira de Sines

SINES, 14.—É bastante crítica a situação dos corticeiros desta localidade, poucos sendo os felizes que ainda trabalham nas fábricas de cortiça. Em poucas linhas vamos descrever em que situação se encontram as fábricas da vila.

A fábrica Bucknall & Sons, está encerrada há cerca de 4 meses, excepto a secção dos quadros compostos apenas de três operários. Contudo aproximadamente 35 mil arrobas de cortiça para fabricar, que podiam dar trabalho a 25 operários, esta fábrica tem em existência somente fardos de quinta e sexta qualidade. Em compensação a fábrica que esta firma tem em Odeira, conhecida pela roça "Ingesna", trabalha com toda a actividade.

A fábrica Herold, em laboração, excepto a secção de quadros a cujos operários lhe foi proposto uma baixa de salário de 1500, que não foi aceite, por motivo do restante pessoal estar nas antigas condições e ainda por ser contrário às resoluções da Federação que só aceitará qualquer baixa de salário quando seja tratado entre a mesma e a secção de cortiças da A. I. Portuguesa. Por esse facto, os operários desta secção, estão sendo o bode expiatório do sr. Herold; cujos efeitos se estão já a sentir, pois que já foi passada cortiça a um fabricante para ser manipulada com os cablões indicados pela firma, por conta do sr. Herold. A continuar assim, com esta impunidade, satisfará o sr. Herold os seus compromissos, sem que reintegre nos seus lugares os operários em questão, situação esta que tem de ser tratada com bastante urgência, tanto pelo sindicato local como pela Federação.

A fábrica Bigas só dá trabalho com redução de salário e por isso está paralizada; a Rosa & Esteves paralizada também, e pequenos fabricantes idem.

É esta a melindrosíssima situação em que se encontra a classe corticeira local; cujo dilema está assim posto: ou se trabalha com baixa de salário ou se é lançado à rua sem mais explicações.—E.

Secção telegráfica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Benavilla. —Rurais. —Estivemos ontem tratando assunto do vosso officio no ministério do interior. Aguardem officio.

VIDA SINDICAL

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne na próxima segunda-feira, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES

S. U. Construção Civil—Secção profissional dos carpinteiros—Reuniu a assembleia, que elegeu para os corpos gerentes: Comissão administrativa—Eliseu Corrêa, Francisco Antonio Fernandes, Luís Antonio, José Luís e Izidro Barata. Comissão Revisora de Contas—Guilherme Cipriano, Raul Marques e Izidro Barata. Conselho Técnico—Manuel Martins, Guilherme Cipriano e Antonio Brás. Conselho de Secções—João Albano e Artur Freitas. Comité da Casa—Francisco Fernandes. Assembleia Geral—João Pereira e Raul Marques.

Secção do Beato e Olivais—Reuniu em assembleia geral, elegendo para os corpos gerentes do ano corrente a seguinte comissão administrativa—Augusto Ferreira, José da Silva e Manuel Rocha. Conselho Técnico—José Viana.

Sindicato dos Tanoeiros—É referente à eleição dos corpos gerentes deste sindicato, a nota que A Batalha ante-ontem publicou, que, por lapso, saiu como dimanada da Federação do Ramo de Tanoaria.

Também na eleição do presidente deve ler-se que, para esse cargo, a assembleia nomeou Faustino Ferreira.

Condutores de Carroças—Em reunião da comissão administrativa, foi resolvido convidar todos os cobradores a comparecerem na sede, às 21 horas de segunda-feira.

Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.—Reuniu-se ontem a assembleia geral deste Sindicato para eleição dos novos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral—Acúrcio Pereira, Manuel dos Santos, Eugénio Betencourt, Alvaro Anselmo e Manuel Nunes.

Direcção—Efectivos: Julião Quintinha, Artur Portela, Jaime Brasil, Pinto Monteiro, Martins dos Santos; suplentes: José Paulo da Camara, Norberto Lopes, Artur Inês, Leopoldo Nunes e Apriço Mafra.

Comissão Revisora de Contas—Efectivos: Belo Redondo, Sábara da Costa e Amadeu Cesar da Silva; suplentes: Carlos Ferrão, Jaime Valente e Carlos Mascarenhas Barata.

Junta consultiva—Efectivos: dr. José Pontes, dr. Alvaro Maia e dr. Campos Lima; suplentes: João Paulo Freire, Nogueira de Brito e Matos Sequeira.

Foram eleitos para delegados a U. S. O. Mário Domingues e Cristiano Lima, e para delegados a F. L. J. Nogueira de Brito e David de Carvalho. Foram aprovados os relatórios e contas da direcção do Sindicato e da direcção do Cofre de Beneficência, e o parecer da comissão revisora de contas. Antes de se encerrar a sessão foram lançados na acta vozes de pezar pelo falecimento dos jornalistas drs. Aníbal Soares e António Sardinha.

O conselho de administração da Exploração do Porto de Lisboa, a pedido do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, em sessão de anteontem, resolveu atribuir a Carteira de Identidade de profissional de imprensa, quando assinada pelo administrador geral, os mesmos efeitos do cartão de livre entrada nos recintos dos entrepostos e cais do porto de Lisboa. Ontem o Diário do Governo publicou o modelo da Carteira de Identidade, criada por decreto de 22 de Dezembro de 1924, modelo recentemente aprovado pelo ministro do interior.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

S. U. Metalúrgico—Secção do Poço do Bispo—A assembleia, às 20 horas, para se ocupar da crise de trabalho, eleger os corpos gerentes e outros assuntos de interesse geral.

Secção de Belem—A comissão administrativa, pelas 20 horas, com o cobrador M. S. da Marta que se fará acompanhar das verbetes.

Marinheiros e moços—Para prosseguir os trabalhos suspensos na sessão de 13, pelas 20 horas, a assembleia geral.

S. U. Construção Civil—Para assunto urgente e de harmonia com as resoluções da assembleia geral do Sindicato, pelas 21 horas, as comissões administrativas das secções sindicais e profissionais conselho administrativo do sindicato, conselho de secções e conselho técnico.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Officiais da Marinha Mercante—Conselho Técnico—Reúne amanhã pelas 15 horas.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Associação dos Trabalhadores Rurais de Vila Franca de Xira.—Reuniu em 11 do corrente para tratar da apresentação das contas de 1924.

O presidente, fazendo-se substituir, apresenta uma proposta que tem por fim convocar uma sessão ou comício público, para ser aprovada uma reclamação a apresentar ao ministro do Comércio sobre a construção da ponte sobre o Tejo, nesta localidade. Depois de bem discutida esta questão, foi aprovado realizar-se depois de amanhã um comício público, onde se farão representar todas as colectividades do concelho de Vila Franca.

Essa reunião efectuar-se há em local e hora indicada em manifesto, que deverá ser distribuído.

Foi apresentada pela direcção uma moção em que se propõe a constituição da Câmara Sindical do concelho de Vila Franca de Xira como organismo indispensável à defesa das classes trabalhadoras.

Depois foram aprovados os seguintes documentos.

Protestando contra as autoridades americanas pela sua pretensão em darem como doido o camarada Vanzetti; reclamando a libertação dos presos sociais daquele país, oficiando ao ministro em Portugal; contra a condenação de Manuel Ramos, Arias, Rivera e Quirós; contra as barbaridades da guarda republicana e polícia.

Por fim entra-se na ordem dos trabalhos, sendo nomeada a comissão revisora de contas, que ficou constituída por Francisco H. Dias, Alfredo Xambre e José da Silva Milhota.

Nesta assembleia foi dada a posse aos novos corpos gerentes.

Sindicato U. Metalúrgico do Porto

Reuniu a C. A. na passada quarta-feira, dando o devido despacho ao expediente recebido.

Tratou da solenização do 5.º aniversário do Sindicato, resolvendo realizá-lo no dia 25 para o que vai convidar um sociólogo a realizar uma conferência sobre a questão social. Apreciou, e manifestou a sua plena concordância com a reunião de militantes, realizada no dia 12 do corrente resolvendo officiar novamente à Câmara Municipal (Direcção dos serviços municipalizados, do Gaz e Electricidade) em face de com o seu proceder estar provocando crise na classe dos operários electricistas, nomeando Saúl de Sousa e Mendes Gomes para elaborarem a resposta ao inquérito de A Batalha sobre o sem trabalho. Por último, apreciando a agressão covarde de que foram vítimas os operários em Lisboa e as pressões de que vem sendo vítimas os nossos camaradas além fronteiras mormente no Brasil, Espanha, Cuba, América e Itália sendo aprovadas duas moções com as conclusões que seguem:

1.º—Levantar o seu vemente protesto contra os cobardes agressores dos nossos camaradas da capital, bem como contra os causadores da miséria do povo.

2.º—Saúdar as vítimas do egoísmo capitalista e das feras fardadas, manifestando-lhes a nossa incondicional solidariedade.

1.º—Levantar publicamente o seu energico e vibrante protesto contra a burguesia internacional;

2.º—Saúdar as vítimas da ferocidade capitalista, manifestando-lhe a disposição duma franca solidariedade;

3.º—Enviar um officio de protesto aos representantes da Itália, Brasil, Espanha, Cuba e América;

4.º—Levar este assunto à próxima assembleia geral.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação—Comité—Convidam-se todos os componentes do comité a comparecerem hoje, às 20 horas em ponto, na travessa da Agua de Flor, 16, 1.º, a fim de assistirem à reunião conjunta com os comités da U. A. P. e Federação Regional Antarquista do Centro.

Núcleo de Lisboa—Reúne hoje a comissão administrativa, em conjunto com a comissão organizadora da Conferência juvenil pelas 21 horas.

Secção de Belem—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão executiva.

A's 20,30 horas, a mesma comissão com o camarada José da Silva da Secção da Meia Laranja, e os cobradores para efeitos de deslarga.

—Ainda a comissão referida pede aos filiados que têm bilhetes para a festa a fim de procederem hoje à sua liquidação.

Núcleo do Porto.—Em continuação da assembleia geral, que se efectuou no dia 7, reuniram os jovens que constituem este núcleo. Em primeiro lugar foi lido o relatório financeiro referente ao 1.º semestre de 1924.

Por ele verifica-se a existência dum saldo líquido de 369\$12. Aprovado o relatório quasi sem discussão, foi apreciado o pedido de demissão feito pelos secretários geral e adjunto, alegando terem de muito em breve retirar-se para fora. Depois de alguns camaradas se pronunciarem sobre o assunto, ficou resolvido que aqueles dois secretários continuem a exercer as suas funções até ao momento de se ausentarem. Contudo, foi desde já nomeado um camarada para, logo que eles se retirem, assumir o cargo de secretário geral.

A cerca da nota tornada pública pela Comissão executiva da secção mista, referente ao pedido de demissão da camarada Geraldina Moreira, foi aprovada a seguinte moção de ordem:

«A assembleia geral do Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto, apreciando a última nota officiosa da secção mista do Porto, relativa ao pedido de demissão da camarada Geraldina Moreira da comissão executiva da mesma secção, lamenta a publicação da aludida nota pela inconsistência manifestada, e passa à ordem da noite, devendo a comissão executiva da secção mista inquirir das pessoas interessadas no assunto a veracidade das afirmações feitas pela camarada Geraldina».

Por último, trataram-se assuntos que se prendem com o desenvolvimento da propaganda.

EM DEFESA DO HORÁRIO DE TRABALHO

A Federação Nacional de Tanoaria conferencia com o ministro do Trabalho

Recebemos a seguinte comunicação:

Novamente uma comissão da Federação Nacional de Tanoaria avistou-se com o ministro do Trabalho, solicitando desta entidade medidas concernentes no cumprimento do horário de trabalho, que pelos exportadores vinícolas de sempre foi negado aos trabalhadores de armazéns de vinhos de Lisboa.

Igualmente informou aquele ministro das represálias que aquela classe é vítima pelos ditos exportadores quando reclamam as suas reivindicações sobre o cumprimento do horário.

O ministro declarou que está em vias de conclusão um novo projecto de lei que com mais segurança deva acautelar os interesses dos operários e que dá maior expansão na fiscalização dos respectivos organismos operários.